



INTERIOR DO TEMPLO DE S. DOMINGOS. POR OCCASIÃO DOS FESTEJOS REAES. (vide n.º 28.)

MARINHA PORTUGUEZA.

Ha paginas na historia da marinha portugueza que podem servir de exemplar ás mais afamadas e potentes dominadoras do mar. Percorrel-as é não só brasão de nacionalidade, como estímulo glorioso para o moço marinheiro, que se destina n'esta epoca a seguir tão nobre quão distincta carreira. Os nossos fastos maritimos não cedem em competencias aos mais famosos, se bem que pela maior parte são ignorados, por não ter havido entre nós esse minucioso cuidado de os dar á estampa, e reproduzir-lhe a memoria nas publicações populares, como se faz no estrangeiro. Hoje reivindicamos d'este descuido um dos mais brilhantes feitos do seculo XVI, e apoz este seguiremos n'outros, que bastas são entre nós, como dissemos, estas acções de heroicidade.

A NAU CHAGAS.

I.

A viagem

No dia 2 de Janeiro de 1593 largou de Goa a nau *Chagas*, commandada por Francisco de Mello, irmão do monteiro-mór. Por mestre da nau vinha Manuel Dias, e por piloto um filho d'este, por nome João da Cunha.

Que prospera viagem se agoirava, á que pela primeira vez sulcava o liquido elemento?! Era para ver como galharda e empavesada largara d'aquelle porto, ella que ali nascera, entre os braços do rio Mandona, namorando vaidosa as costas do Malabar! Parecia que, ufana do grande commercio do oriente, entre o qual crescera e medrara, se alvoroçava por trazer á metropole o rico tributo de sua vassallagem! Fada pelas proesas do grande Affonso de Albuquerque, que em 1508 ganhara Goa, seu berço, ao infundo poder do Hidalcão, vinha a Lisboa segura na defensão d'aquelles braços portuguezes, que nunca souberam largar a espada, senão depois de vencido o inimigo, ou desarmada á mão pela morte!

Fôra ella construida em Goa, como dissemos, e vinha, como tambem já escrevemos, na sua primeira viagem. Era bom tempo aquelle em que as colonias a troco dos braços, das espadas, da civilisação, e das luzes da religião que para lá se lhes enviava, nos mandavam embarcações construidas ali com as suas preciosas madeiras, não só para nos transportarem valiosos carregamentos, mas para mais avultarem tambem a nossa marinha!

Trazia preciosa carga, pois só de pedraria andava por um milhão de cruzados, e de especiarias, e outros generos da India, era tal a quantidade, que vinha demasiado sobrecarregada; o que não era de estranhar porque fazendo nós então exclusivamente o trafico do Oriente, as

nossas frotas de carreira mal comportavam as carregações para Lisboa — emporio, n'aquellas epocas, do mundo conhecido, e o porto mais commercial e florescente da Europa. Tinhamos levantado n'aquella quadra a nossa grandeza sobre a ruina commercial de Veneza e Genova — as grandes commerciantes asiaticas, que então perderam sua importancia, e seu monopolio, com a descoberta de Vasco da Gama por *mares nunca d'antes navegados*.

Não differiram do primeiro dia de viagem os seguintes em que a nau velejou até Moçambique: e ahi se demorou recebendo Francisco de Mello, com carinhoso agasalho, a seu bordo, parte das tripulações e passageiros das naus *Nazareth* e *Santo Alberto*, que havendo largado de Goa, em conserva da nau *Chagas*, ambas se perderam.

Mau presagio o d'aquella fatalidade, para quem fosse agoirente; mas os maritimos portuguezes de então não acreditavam em más sinas. Confiados em Deus, incendidos no amor da patria, tinham por leves todos os perigos de que podesse resultar gloria á religião e ao rei. Parece que o ceo fadara os lusitanos, banhando-lhes com as aguas do oceano tão extensa costa, para as empresas maritimas cujo commettimento lhes confiara! Se os fadara, confirmam-no milhares de navegações em que se tornaram heroes os nautas portuguezes; confirmam-no ignotas regiões, e arredados climas, onde com o esforço do seu braço assentaram vassallagem; confirma-o o seu idioma ainda usado em novo hemispherio, onde a antiguidade não sonhara mundo, e onde esforço heroico o fôra descobrir.

Largou, por fim, a nau de Moçambique em Novembro d'aquelle anno, conduzindo cento e trinta portuguezes, e duzentos e setenta escravos; vindo de passageiros varios fidalgos, cujos nomes temos aqui de narrar, para lhes perpetuar a fama, como merecem seus altos feitos. Eram elles, entre os mais notáveis, Nuno Velho Pereira, Julião de Faria Cerveira, (que fôra commandante da naufragada nau *Santo Alberto*) Braz Corrêa (que commandara a *Nazareth*, tambem perdida), D. Duarte d'Eça, Antonio das Povoas, D. Rodrigo de Cordova (fidalgo hespanhol), João de Sousa, Pedro da Costa d'Alvellos, João de Valladares Souto Maior, Paulo de Andrade, Henrique Leite, Luiz Leitão, Antonio Godinho de Beja, Bento Caldeira, Marcos de Goes, Diogo Nunes Gramacho, Belchior Martins, Gregorio Gomes Gallego, D. Francisca da Fonseca, mulher de Tristão de Menezes, com tres filhos, e duas filhas, e D. Isabel Pereira, e sua filha D. Luiza.

Da enumeração d'aquelles já pode conhecer quem fôr lido em as nossas historias, quanto era para fiar no esforço d'elles; e quem ignorar o que a seu respeito narram as chronicas, bastará suppor que entravam no numero d'esses valentes que iam buscar gloria, e provar seu braço

nas regiões da Asia, porque a Africa então já era pouca para n'ella espalharem seu nome e fama.

Tormentosa foi a passagem do temeroso Cabo da Boa Esperança — esse portentoso gigante, criação immortal do divino Camões, erguido ali eternamente como para ameaçar os aventureiros nautas que, com tão maravilhosa destreza, o haviam dobrado, devassando-lhe os dominios que não tivera artes de esconder a barões assignalados. A nau, acossada n'este ponto pelos ventos e grossos mares, abrindo agua, foi forçada a alijar alguma carga e mantimentos, com que se facilitou mais a navegação. Conta-se dos pilotos da antiguidade, que apasiguavam por sacrificios o irado Neptuno, e que alguns palinuros, como em vassallagem, arremecavam as ondas parte das carregações que traziam. afim de lhe abrandar as iras. Assim parece que fizeram os portuguezes da nau *Chagas*, porque logo o temeroso Adamastor, serenando as ondas por onde estende seu dominio, os deixou em paz seguir viagem. Não foi porém a superstição que os levou a alijar a carga; foi a imperiosa lei da necessidade, porque dos portuguezes não era temerem ondas por cujo dorso estavam costumados a roçar suas quilhas.

Ordenara-se no seu regimento a Francisco de Mello que não tocasse na ilha de Santa Helena, por ser então infestada de inglezes essa paragem; mas prevendo-se a possibilidade de escassearem mantimentos ou aguada, determinara-se-lhe que em taes circumstancias procurasse o porto de Loanda, e não a costa do Brazil, frequentada n'essa epoca pelos hollandezes. Era o tempo em que vamos narrando, aquelle em que a Hespanha, levantando dos campos de Africa a corôa portugueza ali tombada da frente de um joven monarcha, com ella nos arrebatara a liberdade, e senhoreando gente não costumada a soffrer dominio alheio, nos arroxava o pulso com os seus grilhões, em quanto durava o lethargo em que nos lançara a jornada de Alcacerquibir. Inglaterra e Hollanda andavam então em guerra com os castelhanos, e para se vingarem d'elles era em nós, e nas nossas possessões que faziam suas prêas.

Convocou Francisco de Mello conselho, no qual, ponderada a escassez dos viveres, todos concordaram na proposta arribada a Angola.

Demorou-se a nau em Loanda o tempo preciso para completar a aguada, fornecer-se de vitualhas, e reparar o apparelho. Depois de embarcados bastantes escravos, largou para Portugal.

No golpho de Guiné encontrou aturadas calmarias, e a nau deteve-se por muitos dias. Desenvolveu-se a bordo o escrobuto, de que adoeceu a mór parte da gente, morrendo quasi metade; e os que escaparam vinham tão debilitados e enfermos, que quando chegaram aos Açores mal podiam empunhar as armas.

Dizia-se tambem no regimento a Francisco

de Mello, que viesse avistar a ilha do Corvo, onde encontraria uma esquadra destinada a dar comboio á frota das Indias. Em Moçambique fôra porém informado por D. Luiz Coutinho, que n'este anno passara ás Indias, que os inglezes cruzavam na altura do Corvo, e que ahi tinham aprisionado a nau *Madre de Deus*. Chamou a conselho Francisco de Mello os capitães que n'elle deviam tomar parte; e bem ponderado o perigo que havia em seguir n'este ponto o regimento, accordaram todos na prudente resolução de proseguir viagem para a costa de Portugal.

Tres dias a seguiram com favoraveis ventos até que a fortuna, cansada de os proteger, os abandonou ao quarto dia. Manifestou-se na guarnição symptomas de descontentamento, que presstes degenerou em insubordinação, por se espalhar voz de que os viveres não podiam chegar até á costa de Portugal. Tamanho incremento tomou esta surda agitação de animos, que os amotinados se dirigiram ao commandante com um protesto contra a derrota que seguiam, exigindo que na forma do seu regimento tocasse nas ilhas, para refazer de mantimentos.

Francisco de Mello, perplexo entre os deveres que lhe marcava o regimento e a prudente conveniencia de se afastar das paragens frequentadas pelos inimigos, fazendo previamente examinar o estado dos viveres e aguada, convocou novo conselho. A pressão da revolta era forte, e os votos decidiram que se tocasse nas ilhas. A sorte estava lançada, não havia mais que seguir-a. A nau mudou de rumo, e demandou a ilha do Corvo.

Como capitão acutelado e prudente, dispoz-se logo Francisco de Mello para bem receber o inimigo: distribuiu os postos importantes, dando a D. Rodrigo de Cordova o encargo da defesa da pôpa; a Antonio das Povoas o da prôa; a Braz Corrêa a guarda do convez. Finalmente passou mostra aos portuguezes capazes de pelejar, cujo numero n'esse momento não excedia a setenta, mas encontrou-os, louvado Deus, resolutos antes a irem a pique, ou morrerem afogados, do que a arrearem bandeira, e entregarem-se, que d'este quilate foi sempre o valor de tão heroica nação.

Continua.

NOTICIA SOBRE A SANTA CASA DA MISERICORDIA DE LISBOA.

Relação dos provedores que tem sido da santa casa da misericordia desde o anno de 1533, tempo em que a confraria e irmandade da dita santa casa passou da sé.

Conclusão.

1599. D. Manuel de Castello Branco, conde de Villa Nova: falleceu em 12 de Agosto d'este mesmo anno, e succedeu-lhe Fernão Telles.

1600. D. João da Costa.
 1601. D. Francisco Manuel, conde da Atalaya.
 1602. Mathias de Albuquerque.
 1603. D. Gelianes da Costa.
 1604. Ruy Lourenço de Tavora.
 1605. D. Jeronymo Coutinho.
 1607. D. Christovão de Moura, marquez de Castello-Rodrigo.
 1608. O conde de Villa Nova, por se ausentar do reino succedeu-lhe Ruy Lourenço de Tavora em 17 de Janeiro de 1608.
 1609. O conde do Redondo, D. João Coutinho.
 1610. O conde de Villa Franca.
 1611. D. Henrique de Portugal.
 1612. O conde da Atalaya.
 1613. O conde de Portalegre, mordomo-mór.
 1614. Luiz da Silva.
 1615. O conde de Santa-Cruz.
 1616. Ruy Lourenço de Tavora : falleceu nos ultimos dias de Junho do mesmo anno : succedeu-lhe o conde de Santa-Cruz.
 1617. O conde almirante.
 1618. D. Henrique de Portugal.
 1619. O conde de Villa Nova, D. Martinho de Castello Branco.
 1620. O conde D. Diogo da Silva.
 1621. D. Francisco de Castello Branco, conde do Sabugal : n'esse anno fez-se a casa do despacho.
 1622. Simão Gonsalves da Camara.
 1623. D. Antonio de Lencastre, commendador mór.
 1624. D. Affonso de Noronha do conselho de estado.
 1625. D. Francisco de Castello Branco conde do Sabugal.
 1626. O conde de Villa Nova : succedeu-lhe o conde do Sabugal.
 1627. D. Manuel Alves da Cunha.
 1628. Gonçalo Pires de Carvalho.
 1629. O conde de Santa-Cruz.
 1630. D. Miguel de Almeida, depois conde de Abrantes
 1631. D. Gonçalo Coutinho.
 1632. D. Martinho Mascarenhas, conde de Santa-Cruz.
 1633. D. Pedro da Silva, depois conde de S. Lourênço.
 1634. Gonçalo Pires de Carvalho.
 1635. D. João da Silva, capellão-mór : falleceu em 12 de Agosto : succedeu-lhe Gonçalo Pires de Carvalho.
 1636. D. Jorge Mascarenhas, conde de Castello Novo : falleceu no mez de Setembro do mesmo anno.
 1637. Luiz da Silva.
 1638. O marquez de Gouvêa.
 1639. Luiz da Cunha.
 1640. D. Rodrigo da Cunha, arcebispo de Lisboa.
 1641. O conde de Figueiró.
 1642. O marquez de Villa Real : em Agosto lhe succedeu o marquez de Gouvêa
 1643. O conde de S. Lourenço, Pedro da Silva.
 1644. O conde de Villa Franca, D. Rodrigo da Camara.
 1645. D. Antão de Almada.
 1646. D. Thomaz de Noronha, que depois foi conde dos Arcos
 1647. O marquez de Gouvêa.
 1648. D. Jorge de Mascarenhas, conde de Castello Novo e marquez de Montalvão.
 1649. O conde de Villa-Nova.
 1650. O conde de Sarzedas, D. Rodrigo da Silveira.
 1651. D. Miguel de Almeida, conde de Abrantes.
 1652. D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede, depois marquez de Marialva.
 1653. D. Alvaro de Abranches.
 1654. D. Jorge de Mello.
 1655. O conde de Odemira, D. Francisco de Faro.
 1656. Fernão Telles de Menezes, conde de Villar Maior.
 1657. D. Nuno da Gama, marquez de Niza e almirante.
 1658. D. Antonio de Alcaçova Carneiro da Costa; falleceu em quatro d'Agosto; succedeu-lhe o marquez de Niza.
 1659. D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva.
 1660. Ruy de Moura Telles.
 1661. O conde de Odemira, D. Francisco de Faro ; fallecendo succedeu-lhe Ruy de Moura Telles.
 1662. D. Vasco da Gama, marquez almirante.
 1663. O conde de Val de Reis, Nuno de Mendonça.
 1664. D. Rodrigo de Menezes.
 1665. O conde de Athouguia, D. Jeronymo ; fallecendo serviu D. Rodrigo de Menezes.
 1666. O conde de Castello-Melhor, Luiz de Vasconcellos e Sousa.
 1667. D. João da Silva, marquez mordomo-mór.
 1668. D. Vasco da Gama, marquez almirante.
 1669. D. Diogo de Lima, visconde de Villa-Nova da Cerveira.
 1670. D. Antonio Luiz de Menezes, marquez de Marialva.
 1671. D. João Mascarenhas, marquez de Fronteira.
 1672. D. Vasco da Gama, marquez almirante.
 1673. Luiz de Sousa, bispo capellão-mór, depois arcebispo de Lisboa.
 1674. O marquez de Arronches, Henrique de Sousa Tavares da Silva.
 1675. O conde de Val de Reis, Nuno de Mendonça.
 1676. Garcia de Mello, monteiro-mór.
 1677. D. Diogo de Lima, visconde de Villa-Nova da Cerveira.
 1678. D. João Mascarenhas, marquez de Fronteira.
 1679. O marquez mordomo-mór, D. João da Silva.
 1680. Manuel Telles da Silva, conde de Villar Maior, depois marquez de Alegrete.
 1681. D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira.

1682. Luiz de Sousa, arcebispo de Lisboa e capellão-mór.
 1683. Miguel Carlos de Tavora, conde de S. Vicente.
 1684. D. Luiz da Silveira, conde de Sarzedas.
 1685. O conde de Val de Reis, Nuno de Mendonça.
 1686. D. Miguel da Silveira.
 1687. Manuel da Cunha.
 1689. Miguel Telles da Silva, marquez de Alegrete.
 1690. D. Luiz de Menezes, conde da Ericeira.
 1691. O conde meirinho-mór.
 1692. D. Miguel da Silveira.
 1693. Fernão de Sousa Castel-Branco Coutinho e Menezes, depois conde de Redondo.
 1694. Francisco de Tavora, depois conde de Alvor.
 1695. Miguel Castro de Tavora, conde de S. Vicente.
 1696. D. Luiz de Lencastre, conde de Villa-Nova.
 1697. D. Francisco de Sousa, presidente da camara, depois da mesa da consciencia e conselheiro de estado.
 1698. Diogo de Mendonça, presidente da mesa da consciencia.
 1699. O conde de Atalaya.
 1700. O marquez das Minas, presidente da junta do tabaco, conselheiro de estado, e estribeiro-mór da rainha D. Mariana d'Austria.
 1701. D. Nuno Lobo, barão de Alvito.
 1702. O conde de S. Miguel; Carlos de Tavora, terceira vez general da armada, conselheiro de estado, presidente do conselho ultramarino.
 1703. O conde de Aveiras, João da Silva Tello, presidente da camara.
 1704. O conde de Arcos, D. Thomaz de Noronha gentil-homem do infante D. Francisco.
 1705. O conde de Val de Reis, Lourenço de Mendonça, regedor da justiça, conselheiro de estado.
 1706. O conde de Vianna, D. José de Menezes, do conselho d'estado, estribeiro-mór e gentil-homem da camara.
 1707. O conde de Sarzedas, D. Rodrigo da Silveira.
 1708. O conde de Villa-Verde.
 1709. O bispo capellão-mór,
 1710, 1711. O conde da Ribeira-Grande, D. José da Camara: marquez de Fronteira.
 1712. O marquez de Alegrete.
 1713. D. Filippe de Sousa.
 1714.....
 1715.....
 1716. O conde de Cuculim, D. Filippe de Mascarenhas.
 1717. O conde Nuno da Cunha. *
 1718. O conde de Valadares, D. Carlos.
 1719. O marquez das Minas, D. João de Sousa.
 1720. O marquez de Abrantes.
 1721. O marquez de Gouvêa.
 1722. O marquez de Alegrete.

1723. O eminentissimo cardeal da Cunha.

1724. D. Lourenço de Almada.

1725. O marquez de Alegrete, Manuel Telles da Silva.

1726. O marquez de Valença.

1727. O conde de Cuculim, D. Filippe de Mascarenhas.

1728. O conde de Assumar, D. João d'Almeida.

1739. O conde da Ericeira, D. Francisco Xavier de Menezes.

A administração d'este pio estabelecimento, caindo nas mãos das pessoas mais principaes da nobreza do reino, como se vê por esta relação, em breve se tornou o escandalo de toda a gente honesta. As rendas da santa casa eram n'uma grande parte destinadas a empréstimos de favor, a homens poderosos, empréstimos que nunca se amortisavam, cujos juros se accumulavam, e que afinal se tornaram dividas mal paradas, pela insufficiencia das hypothecas.

Não admira depois d'isto, que a falta de recursos, procedida de tão deploraveis desvios, unida ao pouco zelo e sciencia, fosse convertendo a roda n'um verdadeiro açougue de carne humana. Bastará dizer, que de cada cem expostos que entravam, apenas dez escapavam com vida! N'estas circumstancias bem se pode dizer que as mães que engeitavam os filhos podiam reputar-se rés do crime de infanticidio. A população de Lisboa e dos suburbios, e tambem das povoações mais distantes, via-se desangrada e diminuida por aquella carnificina legal, que existia á sombra das idéas religiosas e dos sentimentos de caridade, abrindo um vacuo incessante nas fileiras da classe pobre, e contribuindo indirectamente para perverter os seus costumes, e reduzir o nivel da sua moralidade ao dos estados da Barberia.

Para se avaliar devidamente a situação a que chegara a administração da santa casa, durante o absolutismo e sob o dominio da nobreza, bastará citar este trecho do primeiro relatorio da sua commissão administrativa em 30 de Junho de 1835.

«A commissão vê com summo desprazer que a divida activa da santa casa, por desleixo e mal entendida contemplação das antigas mesas, esteja hoje elevada, pela accumulção de juros, a mais de mil e duzentos contos de réis, e de tal forma, tão mal parados que poucas esperanças pode haver da sua cobrança por terem caducado muitas das hypothecas, e muitas das que ainda existem não serem sufficientes para compensar os juros venciveis; do que se segue o progressivo augmento da divida e a diminuição d'uma grande parte d'aquelles antigos rendimentos que hoje tão necessarios se tornavam para fazer face ao augmento da despeza, proveniente da creação e educação do maior numero de expostos, em consequencia da maior salvação de vidas.»

Parece-nos bastante eloquente este quadro, para que careça de mais amplos commentarios. Os estabelecimentos pios haviam-se tornado apenas um meio de locupletar fraudulentamente,

ou de satisfazer por modo illicito, as necessidades luxuosas dos grandes, e esta deploravel anarchia continuaria, sem termo e sem medida, se a revolução liberal não viesse destruir as praticas autocraticas d'esse absolutismo que corrompia todas as classes para melhor as dominar.

LOPES DE MENDONÇA.

CEMITERIOS TURCOS.

Os cemiterios turcos, em geral, não offerem o aspecto lugubre e melancolico a que estamos habituados nos paizes catholicos. O musulmano não associa á idéa da morte nenhum sentimento de tristeza ou terror. O mundo, aos olhos d'elle, é uma vasta hospedaria, onde se entra e sae a toda a hora; a vida, uma curta hora de descanso no deserto. Quando para elles chega o momento de emmalarem a bagagem, não lhes escapa dos labios murmurio algum; aquelles que ainda cá ficam acompanham-no á sua ultima morada, sem proferirem lamentos inúteis para o morto. Nunca ao espirito lhes assume a idéa de uma condemnação eterna. E para que, se elles nunca perdem a esperanza do paraizo, que podem ganhar por via de qualquer acção boa, feita em vida?

Por este motivo a vista dos cemiterios não excita n'elles nenhuma idéa afflictiva. Pelo contrario, o turco gosta de dirigir-se a estes campos de eterno repouso, e sentar-se á sombra das suas arvores, aguardando tambem seu eterno somno. Em vez de os cercarem de muros, e de os esconderem da vista, em logares afastados, buscam-lhes os mais bellos sitios, estabelecem-nos á beira das estradas, como os antigos faziam, para assim recordar ao transeunte a futura viagem; no interior mesmo das cidades estão misturados com as habitações dos vivos, para demonstrar que a vida e a morte se succedem incessantemente nos designios da eterna providencia.

A cerimonia dos funeraes tem alguma coisa de tocante na sua simplicidade. Depois do corpo ter sido lavado segundo os ritos prescriptos, procede-se ao enterramento. Tres lençoes o envolvem se é homem, e cinco se é mulher, e o *ikrham* com que o defunto fez a viagem a Meca, é reservado para a cabeça. Depois depoem-no no esquife, e os parentes e visinhos o conduzem a passos precipitados para o cemiterio. Grande numero de pessoas se aggregam ao cortejo. Quando se chega á beira da cova, o iman, e na falta d'este o herdeiro natural do morto, ou o mais proximo parente, retira precatadamente o cadaver do esquife, e depõe-no de lado, com o rosto voltado para Meca. Pronuncia-se uma oração funebre, e depois de o appellar tres vezes pelo seu nome, e pelo de sua mãe, cobre-o com terra á excepção da cabeça, que se defende com alguma coisa para não ficar em contacto immediato com o solo. Uma

cavidade, feita á superficie, é destinada a receber as flores e plantas, que os parentes do defunto ahí vão depositar.

A forma dos tumulos tem sua singularidade. Nada de mausoleos, levantados no espirito de vangloria, e incompativeis mesmo com o caracter de tumulo, que é simultaneamente o asylo da morte, e o symbolo e termo da fragilidade humana; nenhuma lage de marmore collocada horisontalmente sobre o fosso, e como que achatando sob seu peso o finado, e desmentindo esta invocação dos antigos—*a terra te seja leve!* Nada mais que duas pedras destinadas a marcarem o logar da sepultura, uma aos pés e outra á cabeceira, n'uma direcção vertical, sem duvida para que o peso não constanja o morto no dia da resurreição. Nada mais pittoresco que o aspecto d'estes marcos, cujas extremidades aqui e ali apparecem por entre moitas de folhagem; umas sobrepostas de turbantes esculpidos na pedra, cuja forma varia segundo a qualidade das pessoas, muftis, mallas, grã-visires, capitães-pachás, juizes do exercito, e agás; outros, simplesmente redondos no cume para indicar a sepultura d'uma mulher; a maior parte carregados de inscripções em letras de oiro, sobre fundo azul, e reproduzindo pela variedade da forma e ornato, as diversas transformações porque a arte oriental tem passado, desde os stalactites e filagrannas indicas importadas de Brussa, até aos desenhos da epoca da renascença, copiados dos capiteis dos bellos espelhos que os venezianos mandavam de presente aos sultões e grandes personagens da Porta: vasos de tulipas, cestos de flores e de fructos, imagens dos gosos que os fieis desfructavam nas margens do Bosphoro, e que hão de encontrar mais completas e duradoiras no paraizo.

Tambem no estylo dos epitaphios se podem observar as differentes phases da litteratura musulmana. Foi primeiramente o verso do koran gravado simplesmente na pedra, ao lado do nome do defunto; depois a pouco e pouco a inscripção mudou-se nas endeixas em que a poesia oriental accumula as imagens e allegorias.

Aqui é o morto que falla, como n'este epitaphio gravado no tumulo de uma creança:

« Deus só é eterno!

« Aqui na terra eu fui botão de rosa.

« A brisa do destino em mim soprou;

« Desabrochar me fez no paraizo

« Apoz que cá da terra m'elevou.»

Ou então, como n'este de um homem adulto:

« Viandante! o que te peço é uma oração. Se ella hoje me é necessaria, amanhã o será a ti. Recita, pois, o primeiro verseto do koran por alma de Ali.»

Acolá, é uma extremosa mãe que exhala as suas saudades, como n'este epitaphio no tumulo de uma rapariga:

« Deus só é eterno!

« A avesinha do meu coração voou de minha alma para ir encantar os jardins do paraizo. Decidiu o destino que minha filha não vivesse mais de treze annos, e a morte tudo roubou a sua mãe, arrebatando-a. Ceos! Será justo que o seu ninho seja agora de pedra? »

Concluiremos dizendo que estes cemiterios são lindamente arborisados; e de imponente gravidade e harmonia os que estão situados á beira mar.

A CEIFEIRA.

CANÇÃO

Não ha terra mais honesta
Do que a terra em que nasci;
Sol que n'outra as faces cresta
As almas não cresta ali!
A lindêza não é varia
Pois não vive solitaria,
Mas virtude hereditaria
Não n'a encontram como ali.

Se ao domingo no terreiro
A ceifeira vae dançar
Com seu fato domingueiro
Linda, linda d'encantar;
Um cortejo tem de amores
Mas aos seus adoradores
Só responde com rigores,
Passa adiante... e vae dançar!

AS EXEQUIAS DO CORAÇÃO.

I

Porque seria que teimosa insomnia
Dormir me não deixou na extincta noite?
Seria morbidez do fragil corpo?
A falta de recursos urgentissimos,
A falsa posição em que hoje vivo,
Remorsos de algum acto menos justo,
Um grande desengano affectuoso,
Traição de amor ou saudades íntimas?
Não era, não, por excepção não era.
Outro motivo mais pungente ainda
A vigilia acerava ao malfadado.
Todo o meu ser ali se transformava!
Foram hontem as funebres exequias
De quanta aspiração e quanta esp'rança
De porvir e posição audaz sonhara.
Devia á cerimonia dolorosa
Acordado assistir.

Foi de justiça.

Adeus, adeus aspirações formosas,
Sonhos de gloria que jazeis por terra.
Adeus minhas esp'ranças para sempre!
Existido tinheis vós demasiado
Caistes de caducas.

II

Transformados os meus habitos
O meu ser se transformou;
O *Eu* de hontem jaz inanime
Outro *Eu* d'elle brotou.
Ao finado as honras funebres
Eu, já outro, dar-lhe vou.

Hoje é moda o necrologio
Necrologio hade elle ter,
E sobre a saudosa lapida
Em seguida o podem ler,
No resumido epitaphio
Do que viveu... a soffrer!

Aqui jaz, que lhe seja a terra leve,
Em ruinas um pobre coração;
Viveu de crenças — se alguns erros teve
Foi-lhe a vida a maior expiação.

MENDES LEAL (ANTONIO).

A PIMENTA.

Todos sabem que a pimenta é um pequeno grão, de sabor picante e aromatico. Deve o sabor que é proprio a um oleo concreto pouco volatil que encerra em si.

A pimenta é, de todas as especiarias, a que sempre se empregou mais.

Antes das nossas viagens ás Indias, a pimenta era mui cara. Uma libra valia dois marcos de prata. D'ahi o proverbio então usado: — *tão caro como a pimenta*.

Offerecia-se então como presente, e ate mesmo chegavam os senhores a exigil-a como tributo dos seus vassallos.

O grão é no estado verde ligeiramente carnudo; ao principio esverdinhado, e depois encarnado, torna-se preto seccando. Expõe-se ao sol depois da colheita para enegrecer mais, e ao mesmo tempo seccar, e enverrugar. Os grãos de pimenta são em numero de vinte a trinta em cada cacho.

Distingue-se no uso a pimenta preta e a branca; porém ambas provêm da mesma planta sarmentosa da ilha de Java, ou de Sumatra. O que faz a primeira o aspecto verdenegro é conservar-se-lhe a pellicula que toma quando chega á maturidade; o aspecto branco da segunda provém de se lhe arrancar aquella pellicula. Esta é mais doce que a preta.

Este arbusto já produz fructo no terceiro anno de plantação, e a colheita faz-se geralmente quatro mezes depois da queda das folhas. Por vinte annos consecutivos dão fructo, quando bem tratados.

Como nem todos os cachos amadurecem ao mesmo tempó, recolhem-se á proporção que chegam á maturidade; e mesmo deve haver cautela em os não colher mui verdes, porque n'este caso durante a dissecação desfazem-se em pó.

Com o alcool tira-se d'esta semente uma resina amarella-esverdinhada, que tem um sabor tão forte, que é caustica.

Faz-se grande consumo de pimenta em todo o mundo para tornar picante a comida; porém os povos que maior uso fazem d'ella são os asiaticos. O abuso, comtudo, d'esta substancia, como o de todas as especiarias fortes, irrita o estomago, e pode causar perigosa inflammação.

O CONCLAVE, EM ROMA.

Quando n'este jornal fallámos do Vaticano, fizemos referencia ao *Belvedere*, que é uma parte d'este palacio, deitando para os jardins, e assim chamada porque assentada n'um sitio elevado, d'ahi se desfructa um magnifico panorama. É no *Belvedere* que ordinariamente tem lugar o conclave.

Quando morre o papa (assim se expressa um escriptor), cada um trata da sua segurança individual. Os principes e embaixadores que estão em Roma armam-se em propria defesa, havendo, como ha, tudo a recear d'uma população sem chefe, entre a qual se acham n'essa occasião reunidos todos os bandidos de Italia. O sacro collegio dos cardeaes emprega nove dias nos funeraes do defunto papa, e durante estes diariamente se rezam as missas e orações proprias dos finados.

Na manhã do decimo dia, o deão, ou o cardeal mais antigo que existe em Roma, canta uma missa do Espirito Santo, e depois recita uma oração em latim, na qual demonstra a obrigação que tem os cardeaes de eleger um papa, digno de preencher o lugar de vigario de Christo na terra. Depois d'isto entoa-se o *Veni Creator*, e os cardeaes vão a dois e dois encerrar-se no conclave.

Quando todos teem entrado entaipam-se as portas; por toda a parte se põe guardas, e ninguem pode sair. Se algum cardeal pede saída, por motivo de molestia, ou ainda por outro qualquer motivo, concede-se-lhe, mas não pode tornar a entrar, e perde o seu voto.

Em quanto dura o conclave, a camara apostolica encarrega-se de fornecer a comida aos conclavistas; mas como a maior parte dos cardeaes preferem fazer preparar a comida pelos seus domesticos, paga-se-lhes essa importancia em dinheiro; porém o prelado a quem está commettida a guarda do conclave, um dos conservadores do povo romano, e outros empregados, teem grande cuidado em revistar tudo que se lhes manda de fora; podem abrir os pasteis, revolver a comida etc., de modo que se não occulte n'ella algum bilhete. O vinho deve ir em garrafas de cristal, para se ver o que contém.

A certas horas pode fallar-se a qualquer conclavista, mas em presença de guardas; e o que se lhe disser hade ser em lingua italiana,

ou latina, e em voz alta, para ser ouvido de todos.

Adoptam-se todas estas precauções, para que os cardeaes sómente se occupem do importante negocio para que se reuniram em conclave; e para que não sendo distrahidos por negocios mundanos, trabalhem com mais diligencia na eleição do novo papa. Nem por isso o negocio corre mais apressado, e vamos dizer a razão.

Todos os cardeaes que ainda não tivessem entrado no conclave teem direito de concorrer a elle querendo. Ora, como ha alguns que vem de muito longe, não se procede á eleição em quanto não chegam todos que para tal fim se mettem a caminho. Quando já se não espera mais nenhum, então a eleição corre depressa. Dois chefes de facção bem concordados e entendidos fazem mais n'um dia do que se pode fazer no decurso de um mez de escrutinio.

Quando o novo papa está emfim nomeado, os cardeaes chefes de ordem vão pedir-lhe o seu consento; e os mestres de ceremonias, como notarios publicos, fazem uma acta da sua eleição, e entregam-na ao sacro collegio. Revestem depois ao eleito a sotaina branca, um roquete de linho mui fino, e a murça encarnada. Levam-no para junto do altar na sua cadeira, e todos os cardeaes lhe vão beijar o pé, a mão, e a face. O soberano pontifice dá-lhes o osculo de paz. A musica entoa o *Ecce sacerdos magnus*, e durante esse tempo o primeiro cardeal diacono vae anunciar ao povo quem foi que o conclave elegêu papa. Dispara-se então a grande colubrina de S. Pedro, que dá assim signal a artilharia do castello de Santo Angelo, e logo todos os sinos repicam, e por toda a parte ressoam as aclamações e gritos de alegria.

Acabada esta cerimonia, reveste-se o novo pontifice com a capa, mitra, e mais vestes pontificias; e assim paramentado o conduzem ao altar de S. Pedro no Vaticano, onde os cardeaes novamente o saudam, como acima se disse. Acabado o *Te Deum* o novo papa abençoa o povo, e assim acaba a cerimonia.

Destina-se depois o dia para a sua coroação, e posse na egreja de S. João de Latrão.

Publicou-se a comedia-drama em cinco actos *Os dissipadores*, por Alfredo Hogan. — Preço 400 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos, *Ninguem julgue pelas apparencias*, por Alfredo Hogan — preço 360 réis.

Publicou-se a comedia em 3 actos e 9 quadros. *STAMBUL*, original de Aristides Abranches — preço 300 réis.